

# PODEREMOS ENUNCIAR LEIS NA HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO ?

(Conferência feita pelo Tenente-Coronel DI-  
DEROT MIRANDA no 4º R.I. a 13-IV-949.)

## I — O ESTUDO DA HISTÓRIA

Em todos os povos civilizados, faz-se o estudo da história de Civilização, normalmente, obdecendo-se á seqüência cronológica dos acontecimentos. Forma-se assim, um repositório de fatos, onde frequentemente todo aquêlê entregue a atividades intelectuais, procura êste rico manancial, buscando tudo o que quer.

Dêste modo, políticos e jornalistas, procuram na História Geral argumentos para justificar ou combater projetos :

- oradores colhem incentivos para seus ouvintes ;
- professores orientação para seus alunos ;
- os militares extraem ensinamentos ;
- artista catam na H. Geral, inspiração para suas obras.

Enfim, todos os intelectuais, a cada passo, utilizam o que foi catalogado pela História. Assim os historiadores registram os fatos e o estudo da História se apresenta como que uma descrição cronológica de acontecimentos ou como sendo um arquivo, um documentário, onde qualquer pessoa folheia e lê um episódio.

Mas... não haverá leis regendo estas ações ? Não o sabemos ; talvez ignorância nossa. Vejamos porém, inicialmente, alguns princípios já estabelecidos na Geopolítica.

## II — RECORDANDO NOÇÕES DE GEOPOLÍTICA

A História nos apresenta tudo que foi realizado pelos guerreiros, artistas, chefes religiosos, estadistas, mas em regra, descrevendo, a ação, os feitos dos Estados.

Ora, desde o fim do século XIX que certos aspectos das tendências dos Estados é descrita sob o nome de Geopolítica.

Nova ciência, de campo um tanto nebuloso e controvertido, cujo nome varia desde Ritter como Geografia Comparada, a Ratzel como Antropogeografia e mesmo Geografia Política para Artur Dix.

Hodiernamente, aceita-se o nome de Geopolítica e o General Chassin atribuiu a ela o estudo da influência que podem ter, sobre a Política Mundial, as constantes geográficas eternas de nosso planeta. Os mestres de Geopolítica têm estabelecido regras ou princípios que seriam seguidos pelos Estados ao buscarem seu engrandecimento, a fim de melhorarem as condições de vida de seus povos.

Baseando-nos em um destes mestres, Artur Dix, vamos recordar alguns dos aludidos princípios que nortelam o espraiar das Nações :

1º *Avanço sobre a linha de mais fraca resistência.*

As tribus em busca de novas e mais apropriadas terras para a sua incipiente economia, ao esbarrarem em altas montanhas ou largos mares seguiam outros caminhos ou linhas de mais fácil transposição.

Evitavam igualmente os poderosos povos e se expandiam seguindo zonas de fraca resistência quer pelas acidentadas geográficas, quer pelas forças políticas opostas. Nos tempos modernos o presente principio é em regra seguido, tendo em vista o maior ou menor poder ou melhor fraqueza do povo ocupante das regiões cobiçadas.

### 2° Ocupação de toda a bacia hidrográfica por um só governo.

Na realidade o estudo da História nos mostra inúmeros exemplos deste principio; relembramos apenas o império caldeu ocupando toda a Mesopotâmia dos rios Tigre e Eufrates e os esforços dos faraós egípcios ao procurarem atingir a nascente do Rio Nilo.

### 3° Aspiração a uma saída para o mar.

Entre outros exemplos aqui mesmo na América do Sul, a Bolívia durante muitos anos pleiteia uma saída para o Oceano Pacífico, pretendendo reincorporar suas terras perdidas para o Chile, durante a guerra ocorrida no século XIX, entre a Bolívia e Perú de um lado e o Chile em campo oposto.

### 4° Obtenção de vários acessos para o mar.

O país que conseguiu uma saída para um mar, procura também outros portos noutra mar, respirando deste modo por vários pulmões.

Sabemos que os primitivos povos eslavos foram derrotados e submetidos ao jugo de invasores do oriente, mongós e tártaros, particularmente a célebre Horda de ouro que durante séculos cobrou tributo dos russos.

Logo que os eslavos conseguiram reorganizar um governo independente chamado principado de Moscow, este procurou obter uma saída para o mar. Chegou ao mar Negro e quase simultaneamente, após duras lutas contra os suecos, a Rússia atingiu o mar Báltico.

Depois obtiveram portos no gelido oceano Glacial Ártico e por fim Vladivostoch, no oceano Pacífico.

Passemos ao principio seguinte:

### 5° Aspiração a costas opostas.

Há tendência da nação possuidora de uma faixa litorânea de um mar, para ocupar as demais porções da-quele mesmo mar. Assim a pequenina e histórica Grécia, ao recobrar sua independência no século XIX após secular e brutal opressão do império otomano, logo procurou e conseguiu uma faixa litorânea da Ásia Menor, no mar Egeu, fronteira ao território nacional helênico. O notável reformador turco, Kemal Pachá, porém, após a guerra de 1923, rechassou os gregos da Ásia Menor.

### 6° As grandes Vias Transcontinentais.

Este principio é o inverso do precedente.

O governo cujo território tem praias em oceanos ou mares diversos, procura ligar as faixas litorâneas opostas por grandes vias de comunicações. O primeiro a efetivar este principio por meio de ferrovias foi os EE.UU. contruindo as estradas de ferro do oceano Atlântico ao Pacífico. Por sua vez o Brasil, após as campanhas submarinas das primeira e segunda guerras mundiais tem dado passos para a ligação ferroviária do Nordeste ao Sul do país o que parece será uma realidade dentro em breve.

### 7° Unidade Nacional.

Sob este titulo são englobados os movimentos para unir, debaixo de um mesmo governo, os povos da mesma língua ou raça; fez ele vibrar de patriotismo ou nacionalismo exaltado, aos franceses até uni-los sob a mesma bandeira tricolor. Ainda seguindo este principio os nacionalistas italianos lutaram e juntaram vários principados, expulsaram os invasores e formaram a Itália no século passado; entraram em luta contra o papa e incorporaram à Itália os estados pontificiais, inclusive a própria Roma.

### 8° Fronteiras naturais.

Este principio abrange as idéias e ações visando levar a fronteira do

país até uma poderosa barreira. Em alguns casos isto é feito naturalmente, visto que o obstáculo geográfico impede a circulação desembaraçada. Assim os Pirineus formaram a fronteira natural entre a Gália e a Ibéria; após as invasões dos bárbaros, os limites entre os impérios dos visigodos e dos francos, permaneceu seguindo aquela cadeia de montanhas. Com a derrota dos visigodos face aos conquistadores árabes, estes transpuseram os Pirineus penetrando no império dos francos; foram porém repellidos e durante séculos, os reinos árabes eram separados da França ainda por aquelas montanhas, como ainda hoje a Espanha, da França. Em outros casos contudo, esta idéa da fronteira natural, dá lugar a longas e penosas lutas, como é bem nossa conhecida a pendência sobre o Rio Reno.

### 9ª Zonas de antagonismo

Duas ou mais nações, seguindo simultaneamente os princípios acima, ou complexas razões económicas e financeiras, tudo em relação a uma mesma região, ocasionam o que se chama Zonas de Antagonismo. Assim na última região geográfica citada, isto é, a margem esquerda do Reno, a França desejando-a pelos princípios de fronteira natural e em parte Unidade Nacional, aliados às necessidades económicas das ricas jazidas de ferro do Sarre chocou-se com a Alemanha; esta última imitando outras nações, procura ter sob seu governo e responsabilidade os povos de língua alemã à esquerda do Reno, como também os minérios de ferro do Sarre para alimentar a bacia hulhífera do Rhur.

Em nosso continente, no passado, a questão da Colônia do Sacramento ocasionou muitas lutas entre portugueses e hespanhóis e mais tarde brasileiros e argentinos, terminando pelo reconhecimento do Uruguai como país independente. Os platinos desejavam ambas as margens do rio da Prata, isto é, aspiravam o domínio de costas opostas. Os portugueses, de posse dos cursos

superiores dos Rios Uruguai, Paraguai e Paraná, queriam assegurar o livre acesso dos portos fluviais até o oceano Atlântico.

### III — A GEOPOLITICA NAO EXPLICA, APENAS SISTEMATIZADA OS FATOS

Meus companheiros, citamos oito leis de Geopolítica extraídas de uma obra de Arthur Dix, exemplificamos estes princípios e concluímos pelas Zonas de Antagonismo. Mas outros autores poderão desenvolver mais alguns, além dos já citados. Assim no meio de tantos e tão variados princípios, qualquer expansão dos povos, quer sobre os vizinhos, quer em longinquas terras em ação colonizadora, sempre encontrará guarida em um dos enunciados geopolítico. Eis porque tantos ultranacionalistas agressivos ou estadistas de nações em expansão, têm se valido de geopolítica para justificar suas idéias e, em contraposição, essa ciência tem sido olhada com temor e desconfiança pelos pacifistas.

Assim, seguindo nossa interpretação, os caminhos seguidos pelos povos em expansão são analisados e sistematizados pela geopolítica que apenas estabelece correlação entre a política e as constantes geográficas de território habitado pelo povo em apêreo.

Mas além destes princípios geopolíticos, não seria possível descobrir o móvel que impele estes povos, acima destas leis geográficas, já que estas são múltiplas e variadíssimas, a tudo se postando?

Rebusquemos no estudo da História da Civilização pura, pairando acima da política e da geografia.

### IV — A FORÇA CENTRIPETA DOS ESTADOS

A civilização que durante milênios floresceu em torno do Mediterrâneo e na Ásia Menor, caracterizou-se pela aparição inicialmente de culturas isoladas umas das outras, quer no espaço quer no tempo.

Mais tarde as civilizações destes povos coexistentes se chocam, uma prevalece sobre a outra. Exemplifiquemos.

Dentre as mais antigas civilizações, desta parte do mundo, recordamos a da Suméria lá na Mesopotâmia, que atingiu ao ponto culminante de sua cultura ali pelos 2.500 anos A.C. Esta cultura, tão antiga, não chegando mesmo a ser citada pelo célebre Heródoto, desconhecida para os gregos, romanos e judeus, nos legou o código de Hammurabi, grande e sábio governante de tão priscas eras.

Dando um salto, da Mesopotâmia para o Mediterrâneo, fixamo-nos na vetusta e brilhante civilização cretense, onde admiramos as ruínas do palácio de Cnossos, com seus banheiros e condutores embutidos levando água, talvez mesmo... água aquecida para banhos tépidos.

Sabemos das invasões do Egípto pelos persas; a conquista do Vale do Nilo pelos gregos de Alexandre, etc. Não negamos a existência de trocas comerciais, de influência artística, contudo a evolução da cultura egípcia, como dos hebreus, medas, persas, assírios e babilônios, etc., fêz-se normalmente de modo isolado, apenas ténues e fugazes contactos. Não têm, nem de longe, as intensas relações económicas e políticas entrelaçadas como vemos nos estados da época moderna.

Desta recordação das principais civilizações da Antiguidade, que poderia ser aprofundada, desejamos extrair um aspecto comum, ou um princípio geral que haja presidido a evolução de todas as civilizações. Parece-nos possível concluir que, o desabrochar de uma sólida cultura em uma tribo, povo ou nação, se fazia sempre com a tendência para absorver ou suplantarem os vizinhos, fossem eles mais ou menos bárbaros.

Quer pelo mar os fenícios navegando, fundando colônias no norte da África e Ibéria, quer os persas, em terra, espalhando-se da Índia ao Egípto; pelo comércio, ou pelas armas; levando seus deuses tutelares e sua tosca moeda; os povos mais fortes sempre procuraram jungir os demais, a seu centro estatal.

Reafirmamos após estes breves retrospectos, ser lícito admitir que

o nascimento de uma sólida cultura em dado povo, está intimamente ligado à formação em seu bôjo de um núcleo estatal que funciona como um poderoso imã, atraindo, absorvendo outras tribus ou povos. Este núcleo é dotado de poder centrípeto, com suas linhas de força ora atuando na vizinhança imediata (estado continental) ora através longas vias marítimas (Colônias gregas ou fenícias em todo o Mediterrâneo). Toda nação possui, em estado latente uma força expansionista. Estabelecida esta lei ou princípio centrípeto que presidiria à formação das civilizações, deixamos a outros, o cuidado de estudá-lo e examinar estas linhas de forças centrípetas atuando ora em tom bélico, levando as hostes espartanas à batalha contra os vizinhos ou sutilmente pelas trocas comerciais, em Galeras atenienses, defendendo, aparentemente, a liberdade de outras clãs gregas, mas na realidade jungindo-as ao brilhante centro de Atenas. Este poder centrípeto, esta atração exercida por um só ou gânglio político sobre os demais procurando absorvê-la, se fêz pelo menos uma vez de modo assaz curioso.

Quando os irmãos Rômulo e Remo fundaram a cidade de Roma, esta povoou-se principalmente com aventureiros: o número de mulheres era escasso. Os romanos, aproveitando-se da saída dos vizinhos sabinos para o trabalho ou para uma expedição, lançaram-se de surpresa sobre a vizinha cidade e raptaram as sabinas, levando-as para Roma. Entre o regresso dos sabinos, sua reorganização e marcha para enfrentarem os romanos medeou certo tempo. Assim quando os dois exércitos iam travar a luta, esta foi impedida porque as sabinas irromperam entre os contendores procurando aplacá-los o que foi conseguido; não sei se porque alguns maridos sabinos quisessem se desfazer de suas espôsas ou porque muita solteirona ou moça casadeira sabina estivesse satisfeita com seu companheiro romano obtido tão originalmente.

## V — A FORÇA CENTRÍFUGA DOS POVOS

As tribus e povos perenemente lutam para sobreviver conservando sua língua, usos e costumes. Instintivamente ou não todos reconhecem esta sobrevivência só é possível conservando ou readquirindo a independência política. Ao se organizarem, estabeleceu-se um nó ou sede de poder político. Este nó, varia desde a tenda do chefe da tribo nômade, até a metrópole moderna, com milhões de habitantes e milhares de funcionários públicos, todos impulsionando a nau do Estado.

O Estado ao procurar conservar seu poder e em consequência, a língua, os costumes e a cultura do povo, por vezes isola-se dos demais, corta drasticamente os liames com os vizinhos por temor deles. De passagem observamos que, em geral, este isolamento é de funestas consequências, levando, o isolado ao decaimento e a uma catástrofe. Normalmente a defesa é paralelamente a sobrevivência das peculiaridades de sua cultura se faz por variadíssimas e complexas maneiras máxime na época moderna.

Seria ocioso citar exemplos ou procurar demonstrar este epêgo de cada nação à sua língua, uso e costumes.

Concluimos que a cultura gerada em um determinado núcleo estatal, embora sofrendo influxos de outras das quais freqüentemente haure forças, ela sistematicamente foge à atração exercida pelos demais, esforçando-se em não ser absorvida. A sede do Estado donde emana esta civilização denota normalmente estar dotado de uma força centrífuga em relação aos demais centros de atração. Teríamos pois um princípio centrífugo de sentido oposto ao princípio centrípeto e ambos coexistindo em toda tribo ou nação, exercendo normalmente atração nos demais povos procurando atraí-los à órbita de sua influência e repelindo-se quando o contrário dispõe de maior força ou poder de absorção.

Esta tendência centrífuga é tão forte que em pelo menos um caso, o do povo judeu, após haver perdido

o centro propulsor de seu poder e de sua cultura, continuou sistematicamente a conservar suas peculiaridades.

Durante dois mil anos os hebreus erraram pela superfície do globo e agora, reorganizando a República de Israel, porflam em reestabelecer sólidamente completa independência para seu modo de sentir e viver. É a vitória do princípio centrífugo de sua cultura, em relação aos diversos centros centrípetos que seu povo milenarmente palmilhou.

## VI — ENTRECHOQUE DOS PRINCÍPIOS CENTRÍPETO E CENTRÍFUGO

Já sugerimos que a civilização desabrocha em torno do Estado e que este possui ao mesmo tempo, um poder de absorção (Força Centrípeta) e outro de repulsão à atração dos demais estados (Força Centrífuga). Estas forças são desiguais e da luta entre os Estados adiantamos que em regra tem prevalecido o princípio centrípeto ocasionando a destruição ou absorção de certas nações por outras.

Volvendo novamente ao período de História Geral conhecido por antiguidade, vimos os estados aparecerem, mas, aos poucos, Roma vai absorvendo os demais estendendo seu domínio sobre todo o mundo civilizado então conhecido, de Portugal até a Rumânia; da Inglaterra ao norte da África. Houve então a unificação do mundo em torno de um só estado (O Império Romano). Foi o predomínio integral do princípio centrípeto.

A destruição do Império Romano por tribus bárbaras deu lugar a época medieval em que na realidade não havia nações e sim, uma infindável poeira de reis, duques, condes e outros fidalgos, todos mais ou menos independentes.

Após alguns séculos das invasões de bárbaros germânicos, normandos e mussulmanos, foi-se delineando novamente o arcaboço de grandes nações. Em fins do século XIX havia cerca de uma vintena de grandes potências. Ao ter começo a primeira conflagração mundial 1914, podíamos alinhar os seguintes colossos: Estados Unidos

e Japão (não europeus) e Alemanha, Áustria, Hungria, Império Otomano, Inglaterra, França, Itália e Rússia. Ao começar a segunda guerra mundial não se contavam entre os grandes o Império Austro-Hungaro, que havia desaparecido, nem a Turquia; mesmo a Itália não era considerada grande potência. Após o último conflito restam apenas a Rússia, Estados Unidos e a Inglaterra.

#### VII — UM SÓ MUNDO

Observa-se portanto na época moderna o mesmo fenômeno que na antiguidade: quer dizer, o predomínio da força centrípeta de certos países sobre os demais. É verdade que existem dezenas de nações independentes, porém, há uma preponderância incontrastável de apenas três delas, em todos os assuntos de importância capital. E, essas três, já se alinham em apenas dois campos opostos. As demais, com muito esforço conservam sua independência política ou promovem o bem-estar de seus povos a custa de ingentes esforços.

Se são verdadeiros estes dois princípios, centrípeta e centrífuga, bem como o lento predomínio do princípio centrípeta, concluiremos que no futuro restará uma só grande potência no globo terrestre. Como lá chegaremos?

— durante a persistente e surda luta econômica entre os grandes e seus hábil esgrimir político, tudo em plena paz, uma ou duas delas, poderão baquear.

— ou então o "prélio terrível das armas".

Três guerras púnicas, entre romanos e cartagineses foram necessárias, para decidir sobre o predomínio de um só no mar mediterrâneo, dentro da antiga civilização.

E hoje?

Concluindo podemos afirmar que além de eventuais lutas entre pequenos vizinhos, já existe um conflito político e econômico entre dois mundos, conduzindo-nos após guerras e sofrimentos a um só mundo.

Cabe aos cidadãos bem intencionados evitar à humanidade, esta dura contingência. A nós militares incumbe preparar a nação para a luta, pois "viver é lutar".

## AOS NOSSOS ASSINANTES

Com o presente número de "A Defesa Nacional" enceram-se as assinaturas referentes ao ano de 1950.

Para as assinaturas correspondentes a 1951, ficam mantidos preços e condições de pagamento em vigor.

### ARMAZÉM SÃO BORGES

DE

SABINO DA SILVA MAGALHAES

SECOS, MOLHADOS E REFRIGERANTES  
RUA MESQUITA N. 2 — REALENGO